

A História, a Relevância Social e o Desenvolvimento da Teologia

José Antonio da Silva¹

¹Professor e Reitor da Universidade Severino Sombra, Vassouras-RJ,
reitoria@uss.br

Resumo: *Este artigo tem como foco analisar a história, o desenvolvimento e a relevância da teologia na humanidade, não pretendendo esgotar o assunto, mas tendo como objetivo tornar claros estes pontos através de uma análise que utiliza a revisão bibliográfica de livros e textos relevantes ao tema, para mostrar como a teologia se mostrou e mostra através dos tempos. Conclui-se que a teologia foi importante no momento em que o homem se deu conta da presença e existência de Deus. Logo, surge esta ciência como forma de estudar mais a fundo os mistérios da divindade e fatores relevantes a este contexto.*

Palavras-chave: *Teologia. Relevância social. Ensinaamentos Deus.*

History, Social Relevance and the Development of Theology

Abstract: *This article has as focus to analyze history, the development and the relevance of the theology in the humanity, not intending to deplete the subject but having as objective to become clear these points through one it analyzes that it uses the bibliographical revision of books and excellent texts to the subject, to show as the theology if it showed and it shows through the times. It is concluded that the theology was important at the moment where the man if gave to account of the presence and existence of God, then, appears this science as form to study more deep the excellent mysteries of the deity and factors to this context.*

Keywords: *Theology. Social relevance. Teachings God.*

1. Introdução

A teologia é uma ciência que desde os tempos mais remotos faz parte da vida do homem. Quando o ser humano, através de seus rústicos desenhos, começou a expressar pontos de sua espiritualidade, já se vislumbrava uma ciência que iria ajudar em muito na formação do homem moderno.

A teologia é uma ciência que, além dos ensinamentos sobre o espiritual, sobre religião e o Divino, mostra também características que podem auxiliar a formação do cidadão,

como o ensinamento da ética e da moral. Neste sentido, surge o tema deste estudo enfocando a história, o desenvolvimento e a relevância social da teologia.

Buscaram-se as informações necessárias para a elaboração deste artigo em referências bibliográficas de livros e artigos relativos ao tema, esperando tornar claro o tema e mostrar os pontos básicos deste assunto.

2. Teologia: história, desenvolvimento e relevância social

2.1. História

Muito já se escreveu sobre a história da Teologia, seu desenvolvimento e sua importância na atualidade, na sociedade e nas universidades. Logo, frente à temática deste estudo, será feita uma breve síntese introdutória para contextualizar essa reflexão.

Percebe-se, inicialmente, nos estudos de Wrublevski (2006, p. 38) que “na história do Brasil, como em todos os países latinos, a Teologia foi considerada, por muito tempo, apenas um saber privativo dos cristãos”. Ou seja, não era considerada como parte importante da formação do ser humano, “como posteriormente se fez”. Por não ser considerada propriamente uma ciência, não podia entrar na universidade.

A partir dos últimos anos, faculdades de teologia começaram a obter reconhecimento oficial na sociedade brasileira. A profissão e a formação profissional do teólogo estão sendo regulamentadas nos seus diversos níveis. Trata-se de uma nova consciência, a respeito da teologia despontando numa nova universalidade? Seria a teologia uma ciência positiva? Ou seria, antes, uma dimensão essencial da condição humana?

Logo se percebe que a teologia teve em sua história momentos de Altos e Baixos, onde os momentos altos formaram gloriosa descoberta da importância que a mesma pode trazer para a formação do ser social, para a integridade do saber, tanto social quanto científico e espiritual.

Em relação à importância da teologia na história surgem diversos questionamentos e indagações sobre sua real importância e relevância. Wrublevski (2006, p. 38) revela que

este questionamento tem a ver, antes de tudo, com um sentido de ser e realizar-se do homem, entendido como autêntica possibilidade de humanização e divinização do homem a partir e no concreto enraizamento histórico. A partir de uma análise sobre como a teologia se apresenta para a consciência usual, e sobre como a questão está enraizada no processo histórico, talvez possamos vislumbrar alternativas que se mostram imperativas para a consciência contemporânea. Nestas questões se concentra a presente reflexão. Na consciência ocidental moderna são múltiplos e complexos os bloqueios e dificuldades para uma redescoberta originária da teologia. Na história moderna dos últimos quinhentos anos encontramos dois tipos de problemáticas que dificultam, antes de tudo, a possibilidade de uma genuína universalidade da teologia: a atitude totalitária da ciência moderna e da teologia.

O autor mostra que uma das tendências típicas do espírito moderno ficou conhecida como o predomínio do espírito geométrico nas, assim chamadas, ciências materiais. A partir do início da época moderna implantou-se um modo de contra-posicionamento

face à natureza, o que significa um modo de constringir a natureza a mostrar-se para a razão humana em suas possibilidades de cálculo e previsibilidade. A objetividade das ciências materiais diz ser essa forma de acesso à natureza, dirigida por uma intencionalidade de apreender as leis da natureza vigentes a partir do interesse de medição e de repetição da mesma de modo previsível (ibid, p.36).

Assim, cita ainda Wrublevski (2006, p. 3a) que

aos poucos a objetividade foi se instalando na consciência moderna, como se fosse o único paradigma válido do conhecimento. Assim, a partir da metade do século XIX as ciências materiais ou positivas pareciam varrer toda outra possibilidade de conhecimento válido em modo universal. O predomínio das assim chamadas "ciências de resultados" trouxe, de um lado um afinamento das expectativas humanas, orientadas, em modo crescente, por resultados imediatos, utilitários e calculáveis. Ao mesmo tempo, quando se privilegiava os aspectos imediatos, na forma de resultados e descobertas de interesse para o homem, o espírito geométrico identificou o progresso dos conhecimentos científicos e o sentimento de emancipação do homem com liberdade, passando a entender todas as concepções da consciência humana, que buscavam compreender, explicitar e fundamentar o saber no seu todo, como formas pré-científicas e pré-rationais. Assim o objetivismo nas suas variantes como positivismo, materialismo, naturalismo e pragmatismo, é um lado da mesma consciência que, no outro lado, produz a desfiguração do pensamento metafísico ou teológico, reduzindo-o a um sistema racional ainda não suficientemente científico, a uma concepção particularista (mundividência), a uma atuação subjetiva da consciência (solipsismo, intimismo, pietismo, etc.).

Logo se percebe que, no espírito moderno, surge a necessidade de uma reflexão teológica, marcada pela pretensão de falar acerca do conjunto da realidade.

Para Wrublevski (2006) a realidade se apresenta como uma racionalidade teológica, conhecida como teodicéia (propriamente "justiça a Deus"), constituída como um conjunto de demonstrações da natureza de Deus, ao lado da psicologia e da cosmologia racional. Teodicéia, cosmologia e psicologia, no contexto moderno, eram ciências puramente racionais, coordenadas e possibilitadas por uma metafísica de puro saber racional, fundada na reflexão sobre o ser enquanto ser. Nesta pretensão de uma dominação formal acerca de tudo, a metafísica racionalista moderna, na sua pretensão panorâmica não consegue uma apreensão genuína da vida ou da história.

Ainda a teologia dogmática moderna era entendida como uma ciência racional, fundada, em última análise, por uma metafísica racional, de inspiração cristã. A insatisfação com as possibilidades de uma teologia dogmática moderna originou, de um lado, uma tentativa de complementação através das ciências humanas, especialmente da sociologia, economia, política e psicologia, e, de outro lado, fez surgir teologias de reação anti-racional, com elementos emocionais, estéticos, etc. (pietismo, pentecostalismo, esteticismo, etc.).

Wrublevski (2006, p. 38) cita então que

como resultado desta mistura heterogênea de princípios de trabalho, inteiramente diversos e desprovidos de evidência necessária, surgiu um reducionismo da teologia e das ciências em duas direções. A teologia, ao preten-

der fundar sua fala de modo totalizante, o faz a partir de uma compreensão dogmatizada de ciência e assim deixa de se compreender de modo válido universalmente e, ao mesmo tempo, enraizado na finitude histórica. Exemplo desta atitude temos no processo da Igreja contra Galileu. Também a ciência, quando, na pretensão de falar a partir de sua totalidade num modo total, fala acerca do que extrapola o alcance de seu método, desfigura a si mesma, não se tornando ciência de pura evidência, com validade e necessidade universais. Assim, a pretensão de onipotência nas ciências fez surgir o dogmatismo do cientificismo, naturalismo, positivismo, e a pretensão totalitária da metafísica racionalista fez a teologia reduzir-se a uma antropologia geral, na qual o *theós* e o *logos* são apenas partes da estratégia de dominação da subjetividade moderna. Tudo se torna política, ou cultura, ou antropologia, e, nesta errância a subjetividade tudo pretende e cada vez menos alcançada.

2.2. Desenvolvimento da teologia através dos tempos

Ao refletir sobre os acontecimentos que fermentaram o surgimento da teologia nas universidades, é necessário voltar o pensamento para a América Latina, nos anos de 1920/1930, no século XX.

Conforme Higuete (2005), a América Latina sai de sua situação de colônia ibero-hispanica e passa pelas guerras de independência com vistas à constituição dos Estados Nacionais de matriz liberal.

Nos anos 20 vê-se o início da industrialização na América Latina, segundo o modelo de substituição das importações de produtos manufaturados pela exportação de matérias-primas. Cresce a consciência da situação de dependência e exploração da América Latina pelas novas formas de dominação, o que se denominou neo-colonialismo ou imperialismo, particularmente por parte dos Estados Unidos.

No início dos anos 30/40, vê-se o florescimento dos grupos da Ação Católica, especialmente junto à juventude: a Juventude Operária Católica (JOC); a Juventude Universitária Católica (JUC); a Juventude Estudantil Católica (JEC); a Juventude Agrária Católica (JAC); que, segundo o método Ver – Julgar – Agir, se propunham a uma ação pastoral de transformação da realidade, atuando nas diversas instâncias da sociedade civil: movimento popular, movimento estudantil, movimento sindical, partidos políticos e outros.

Uma leitura mais crítica, à distância temporal, pode observar que esses grupos representavam uma vanguarda política do meio eclesial da época que nunca teve hegemonia na forma de pensar e agir das estruturas e hierarquia da Igreja Católica. Tanto é que, com os regimes ditatoriais, a Ação Católica foi perseguida e, por simples decretos da hierarquia, extinta no país, caindo seus membros na clandestinidade e militância nos proscritos partidos de esquerda.

Conforme os estudos de Higuete (2005) em março de 1954 em Petrópolis/RJ, realizou-se o primeiro encontro de teólogos latino-americanos, ao qual se sucederam outros em busca de uma reflexão teológica a partir da realidade da América Latina. Participaram assiduamente desses encontros teólogos como Gustavo Gutiérrez, José Comblin, Segundo Galilea, Juan Luis Segundo e outros. Cabe aqui fazer uma observação

importante: Orestes Stragliotto, fundador do CECA foi participante assíduo desses encontros de teólogos latino-americanos em Petrópolis, inclusive articulando recursos através das agências de cooperação internacional para a sua viabilização.

Já no ano de 1966, em Mar del Plata, na 10ª Reunião do CELAM (Conselho Episcopal Latino- Americano), Dom Hélder Câmara assinalava que a Igreja deveria ser um testemunho de amor ao próximo e anunciar uma Boa Notícia de libertação diante de uma realidade de injustiça e desrespeito à dignidade da pessoa.

Neste tempo, amadurecem as opções práticas e de fé de muitos grupos comprometidos na transformação social da América Latina, e alguns temas vão ganhando prioridade na reflexão teológica e pastoral como: os pobres e a justiça; caridade e violência (contexto das lutas revolucionárias); unidade da história e a dimensão política da fé; um novo modo de fazer teologia (partindo da premissa de que antes da reflexão e do ato de teologizar deve haver o compromisso).

Em 1968, realiza-se a II Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano em Medellín. A realidade das massas empobrecidas do continente foi preocupação central e tema privilegiado. O amor aos irmãos, como justiça e paz, numa situação de pecado e de violência institucionalizada foi o tema chave na teologia de Medellín e a dimensão histórica da vida de fé e a ação política dos cristãos foi enfatizada.

Hortal (1997) cita que entre os teólogos latino-americanos, surge também uma espécie de *mal-estar* crítico diante da dependência da produção teológica européia nos quatro séculos de cristianismo na América Latina. Constata-se uma dicotomia entre a realidade e prática dos cristãos na América Latina e o fazer teológico. A consciência da necessidade de um pensamento teológico originalmente latino-americano torna-se premente.

Nestes anos se desenvolveu, nas comunidades eclesiais, nas conferências episcopais, nos encontros de teólogos e encontros de agentes de pastoral, um novo jeito de pensar a prática pastoral, a partir de uma metodologia indutiva que proporcionou o nascimento de um novo paradigma teológico.

Higuet (2005) descreve o surgimento da teologia nos novos tempos como um complexo fenômeno teológico e eclesial e periodiza a história da teologia em três etapas:

1. Fase de preparação (1962-1968) – do início do Concílio Vaticano II à Conferência de Medellín (como já descrito anteriormente).
2. Fase de formulação (1968-1975) – com um período de formulação em sentido estrito (até 1972) e um período de *cativeiro* onde a euforia inicial é substituída por uma realidade de exílio e escravidão. É o tempo dos regimes de exceção na América Latina.
3. Fase de sistematização tendo como marco a constituição da Associação dos Teólogos e Teólogas do Terceiro Mundo – ASETT, fundada em 1976.

Com a criação da Associação Ecumênica dos Teólogos e Teólogas do Terceiro Mundo (ASETT), em 1976, a teologia na América Latina aprofunda seu diálogo com outras teologias no terceiro mundo. Surgem os vários enfoques na teologia com as

contribuições da teologia negra, da teologia feminista e da teologia indígena. A teologia abriga, em seu seio, correntes diversas, conforme as tipologias apontadas por Juan José Tamayo, com a contribuição de outros autores.

2.3. A relevância social da Teologia e de seus fundamentos

Logo se destaca a importância de uma teologia que, na verdade, sempre fez parte da sociedade, seja ela medieval ou moderna, onde a teologia nada mais é do que uma forma de atar o contato do homem com Deus, com o divino, com o espiritual – espiritual este que sempre foi importante e vital para o crescimento das sociedades.

Conforme Freitas (2006, p. 180):

A teologia carrega em sua raiz e essência uma concepção clássica de conhecimento que estabelece a finalidade do conhecimento em si mesmo; busca-se o conhecimento porque conhecer é bom, portanto enobrece o espírito humano, que se torna mais sábio. A dimensão da fé reforça, sobremaneira, essa concepção de raízes gregas, como expressa sinteticamente a idéia agostiniana de conhecer para amar. Embora a teologia forme profissionais, até o momento, com uma atuação mais restrita às igrejas, ela possui, antes de tudo, essa concepção de conhecimento que não vincula currículo à atuação no mercado, tanto quanto à filosofia; ao contrário, a atuação profissional será sempre uma decorrência de sua consistência e relevância para uma compreensão profunda da realidade, para a vivência social da fé e para a compreensão crítica dos próprios elementos da mesma fé. Nesse sentido, não há nenhuma exceção no exercício social da teologia que impeça a regulamentação e organização de seus profissionais como nos demais cursos.

A teologia, como símbolo de espiritualidade – e atendo a isso sua relevância para a vida social do homem –, passa a ser compreendida não somente dentro dos âmbitos da fé institucionalizada, mas transcendendo os limites religiosos. A oração e a meditação, entendidas como formas de comunicação com Deus, passam a ser força e energia positiva conectando a vida com o mundo e com o Transcendente. Compreendendo dessa forma as crenças, o ser humano social incentiva e estimula a importância da prática do perdão, do não-julgamento, do cultivo do humor e do amor a todas as formas de vida.

Alimentando-a diariamente, podem-se desenvolver melhor as relações e a maneira de viver. Aquilo que faz o ser humano ser melhor, ampliando as relações e a qualidade de vida, passa pelo centro das motivações humanas, pelo centro da vida, passa pelas crenças, pela fé.

A espiritualidade envolve o ser humano como um todo. Pode-se compreendê-la a partir da vivência espiritual pessoal ou institucional, como a fé que se desenvolve em estágios, ou a partir do conceito de inteligência espiritual como ampliação de consciência. São formas diferentes de ver este fenômeno espiritual. São, também, caminhos que nos possibilitam compreender a vida e a relação que estabelecemos conosco, com os outros, com a natureza e com o transcendente.

Para melhor entender e trabalhar este fenômeno espiritual advindo da teologia no ser humano busca-se em Fowler (1992), em seu estudo sobre os estágios da fé, a compreensão de que a fé é um fenômeno humano universal. A fé não é sempre espiritual

em seu conteúdo, nem em seu contexto, é o modo com que cada pessoa ou grupo penetra no campo de força da vida. Segundo Fowler (1992), a fé desenvolve-se em seis estágios, que vai desde a fé intuitiva da infância até a fé universalizante da maturidade plena, e mostra como cada pessoa centra sua vida num conjunto de significados e crenças.

“Ao nascer, somos dotados com capacidades inatas para a fé.” (Fowler, 1992, p. 10). O mistério da fé é tão fundamental que não podemos viver bem por muito tempo sem ela. Fowler afirma que a fé é, reconhecidamente, o mesmo fenômeno que se dá em cristãos, marxistas, hindus, e dinkas; contudo ela é infinitamente diversificada por ser pessoal. Qualquer um de nós pode ser iluminado pelas atitudes de fé de outras pessoas, quer sejam religiosas, quer não. “A fé é um verbo, é uma forma ativa de ser e comprometer-se, um meio de adentrarmos e modelarmos as nossas experiências de vida. Ela é sempre relacional, sempre há um outro na fé.” (Fowler, 1992, p. 25).

Logo se percebe que a teologia faz com que o espiritual desabroche no ser humano, estando ela – a teologia – presente em diversas etapas da vida humana, em diversos estágios do desenvolvimento humano e social.

3. Considerações Finais

Conclui-se que a teologia é uma ciência importante, vital para o crescimento dos indivíduos em sociedade, sendo que, nesse sentido, esse estudo se forma e se contextualiza, mostrando a importância da teologia nas sociedades e, mais delimitadamente, nos cursos superiores de forma geral.

A teologia sempre fez parte da vida dos seres humanos enquanto ciência que leva o homem a Deus, que desperta a fé e sentimentos relativos ao engrandecimento da alma.

Estudar áreas matemáticas, exatas e sociais sempre foi uma crescente nas sociedades, mas estudar a ciência da teologia a fundo só surgiu com o passar dos tempos, onde se percebeu que a teologia era muito mais do que simples assunto de conversa, ou disciplina inserida em outros cursos.

Com o levantar desta carência de mais conhecimento espiritual e acerca de assuntos teológicos, a teologia se inseriu nas universidades, nos cursos superiores, tornando-se um curso isolado, autônomo e que é a cada dia mais procurado.

A teologia que, na época do descobrimento do Brasil, era nada mais do que assunto de jesuítas, com o passar dos tempos veio a ser assunto de políticos, de eclesiásticos e de todo estudante que percebesse o valor desta ciência inovadora, que faz o ser humano crescer em sociedade.

Conclui-se, então, que, aos poucos, a teologia foi-se firmando como ciência, e depois como curso superior, onde atualmente é muito procurado por fazer parte dos conhecimentos úteis para a formação de grandes pensadores, de indivíduos preocupados com a sociedade, não só seu lado humano, mas também espiritual.

Referências Bibliográficas

- Fowler, James W. (1992). *Estágios da Fé*. São Leopoldo, Sinodal.
- Freitas, Maria Carmelita de (org.). (2006). *Teologia e sociedade: relevância e funções*. São Paulo: Paulinas.
- Higuet, Etienne Alfred (Docente) (2005). *A Fé na Reencarnação nos Movimentos Religiosos Urbanos no Brasil*.
- Hortal, Jesús S.J. (2006). *E haverá um só rebanho. História, doutrina e prática católica do Ecumenismo*. São Paulo: Loyola.
- Wrublewski, Sérgio Mário. (2006). Uma nova universalidade da Teologia? *Repensar*, v. 2, n. 2.